

Povos Indígenas no Brasil

Fonte ESTADO DE S. PAULO Class.: 964

Data 08/11/85 Pg.: _____

Orlando não quis assumir Funai

JOSÉ MARIA MAYRINK
Enviado especial

A intenção do ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, era anunciar o nome de Orlando Villas Boas, o mais envolvente desses irmãos que dedicaram sua vida à causa dos índios — e com isso “polarizar” a opinião pública de todo o País em torno da Funai, garantindo uma nova imagem, talvez polêmica, mas sem dúvida decisiva, para a política indigenista da Nova República.

Mas Orlando Villas Boas recusou, alegando irrefutáveis argumentos de idade e saúde. Como funcionário, podia até obedecer, mas à custa de muito sacrifício para ele e a família. E indicou Álvaro, o caçula, que há 22 anos vem trabalhando com as tribos de São Paulo e Norte do Paraná, homem mais de gabinete, capaz de uma boa administração. Daria conta do recado? Apoena Meirelles, agora convocado, ouviu essa pergunta em agosto e deu seu aval.

“Álvaro Villas Boas é um homem de bem, um homem honesto e sério, mas hesitou no princípio em assumir o cargo”, comentou o ministro Costa Couto, lamentando a reação do ex-presidente, que esta semana deixou a Funai com denúncias, acusações e muita mágoa, depois de dois meses de muitos atritos e generalizada oposição. O ministro não entende:

“Como é que ele se queixa de não ter tido apoio e autoridade, se demitiu quem quis, se fechou as delegacias que quis (Londrina e Salvador), com um enorme custo político para o governo que agora ataca? Se os índios correm em massa para Brasília, como o Álvaro fala, é porque não encontram soluções nas delegacias regionais, pela falta de estrutura da Funai. Índio é assim: se não resolve seu problema no posto, vai para

a delegacia; se a delegacia não resolve, vem para Brasília e fica entre a Funai e o ministério. Se não conseguir nada aqui, ele irá para o Palácio do Planalto”.

Ronaldo Costa Couto e seus assessores diretos até concordam com algumas denúncias e críticas de Álvaro Villas Boas. “O diagnóstico está correto, mas a terapêutica é errada”, dizem eles, censurando o estilo do homem que, ocupando a presidência da Funai, se recusou a despachar com os índios, enquanto eles continuassem assediando, às dezenas, o seu gabinete. O ministro lamenta o desfecho de mais essa crise e confirma o que Álvaro Villas Boas desmente: a exoneração atendeu a um pedido de demissão, que foi decidido sexta-feira passada e deveria ter sido mantido em sigilo até a hora do anúncio do nome de Apoena.

“Foi uma falta de consideração fazerem isso com um Villas Boas, sobretudo por causa dos outros irmãos, Leonardo, Cláudio e Orlando, cada um deles com seu estilo e suas falhas, mas todos com um passado respeitável a serviço dos índios”, disse o índio Marcos Terena, assessor especial para assuntos indígenas do Ministério da Cultura. Ele acha que a escolha de Álvaro Villas Boas (como teria sido a de Orlando) teve outra intenção:

“Usaram os Villas Boas como bois de piranha. Eles representam um patrimônio e estão bancando a crise de inoperância do indigenismo oficial. Não mereciam esta desconsideração. Álvaro tem um estilo disciplinador, mas era uma coisa que todo mundo sabia. O erro dele foi dizer que não tinha autoridade na presidência da Funai, porque tinha. Não podia era agir com autoritarismo.”

E, se o índio Marcos Terena conhece bem o passado e os métodos

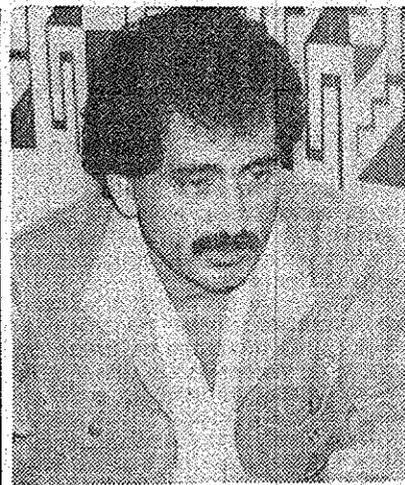


Foto Sérgio Borges — Telefoto Estado
Apoena Meirelles

de Apoena Meirelles, este também não vai durar muito tempo: terá muito apoio no início, mas com o tempo encontrará oposição e acabará saindo mais cedo do que se espera. “Apoena também tem um estilo duro no trato com os índios e será difícil unificar num consenso todas as correntes — nem os grupos indígenas nem as correntes ideológicas entre os funcionários da Funai.”

É esta também a previsão do padre Vicente Cesar, diretor do Instituto Anthropos e ex-presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), órgão da CNBB, do qual se desligou quando discordou de sua linha de trabalho. Ele previu que Álvaro Villas Boas não duraria mais de dois meses (errou pela diferença de três dias) e agora não acredita que Apoena possa ir muito mais longe. “A Funai é muito complexa, quem conhece a Funai e Apoena entende o que estou falando”, diz o padre, sem mais explicações.

Os repórteres de Brasília que acompanham o dia-a-dia da Funai também têm as suas previsões e começam a fazer apostas. Ninguém se aventurou a dar mais de 12 meses para Apoena na presidência. E esse é o prazo máximo para um homem de vontade firme e decidida, capaz de enfrentar os desafios quando dá sua palavra.

É exatamente com essa firmeza que está contando o ministro Costa Couto, acreditando que o novo presidente vencerá a crise, a partir da reforma da estrutura viciada de um organismo que não funciona porque é muito centralizado, “tudo dependendo de sua sede em Brasília, já que as delegacias não têm poder de decisão”.

Costa Couto ficou muito satisfeito quando Apoena Meirelles entrou em seu gabinete anteontem, três horas apenas depois de tomar posse, com uma frase que ele estava louco para ouvir: “Tudo resolvido, ministro”.

Apenas acabava de sair de uma reunião com 20 líderes xavantes com os quais conversou em sua língua. Seu primeiro trabalho na presidência, que continuou ontem, foi ouvir os chefes indígenas que estão há dois meses de plantão em Brasília, à espera de respostas para seus problemas. Alguns pedem coisas simples, como sementes e adubos para plantar suas roças. Mas a maioria reclama a demarcação de suas terras, uma questão mais complicada e demorada.

Costa Couto telefonou para o deputado Mário Juruna e conseguiu o apoio dos xavantes, pelo menos nessa primeira hora. E Marcos Terena prevê que no começo todas as tribos darão uma espécie de voto de confiança, tudo dependendo do trabalho de Apoena.